



Presidência da República  
Casa Civil  
Secretaria de Administração  
Diretoria de Gestão de Pessoas  
Coordenação – Geral de Documentação e Informação  
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA  

---

PRESIDÊNCIA  

---

DA REPÚBLICA

18 DE SETEMBRO DE 1976.  
VISITA AO JAPAO.  
DURANTE ALMOÇO NO NIPPON PRESS  
CENTER.

Meus Senhores,

É para mim grande honra ser o primeiro Chefe de Estado a falar neste recinto.

Agradeço a oportunidade com que me brindam de aqui estar com os Senhores e de dialogar, através de intermediários tão qualificados, com o público japonês.

A grandiosidade deste edifício bem reflete a importância que a imprensa adquiriu no Japão, onde se encontra um dos mais ávidos públicos de jornal que possam existir. Esse incomum afã coletivo na leitura de periódicos, se é uma recompensa para os Senhores, que trabalham profissionalmente na imprensa, não pode deixar de representar, também, um desafio. Acredito que muitos dos Senhores repartam comigo a convicção de que qualquer atividade orientada para o público, seja ela de natureza privada ou oficial, deve servir à sociedade, ao bem-estar e ao progresso do homem. Ora, nenhuma atividade humana mais de perto toca, influencia, modula o comportamento humano do que a transmissão de notícias. Donde, a imensa responsabilidade que repousa sobre a imprensa que, em sua constante luta

contra o tempo, deve zelar por que prevaleça, sempre, a verdade sobre a impressão, o fato sobre a versão.

Tem meu Governo a maior preocupação pela verdade — a verdade econômica, a verdade política, a verdade social. Entendemos que o realismo da análise e o pragmatismo da ação constituem condições essenciais do progresso em qualquer campo. Por isso, procuramos não nos deixar iludir por preconceitos ou por automatismos de qualquer natureza.

Ontem, falando a empresários japoneses, pude evocar a racionalidade do tratamento, dado pelo Governo brasileiro, às questões econômicas. Graças a isso pudemos, entre os países mais afetados pela crise do petróleo, conservar nos anos de 1974 e 1975 o crescimento positivo do produto interno bruto, em níveis até inalcançados por qualquer país industrial. Mantemos uma política econômica equilibrada, sem concessões à demagogia fácil, de um lado, nem ao conservantismo rígido, de outro — o que nos tem permitido lutar contra a inflação interna, mesmo quando nos afetem intensamente sérias perturbações mundiais. Uma cuidadosa gerência de dívida externa, articulada com programas de aumento da produção e da produtividade internas e de nossa capacidade de exportar, continuam a fazer de meu país um mercado confiável, para os investidores de todo o mundo. Uma política cambial realista mantém a adequada competitividade do nosso comércio exterior.

Idêntico espírito de equilíbrio e moderação domina o plano político e o da segurança. A Revolução

brasileira foi e é uma Revolução restauradora. Restauradora do homem na sua liberdade e em sua dignidade. Estou persuadido de que o papel daquela Revolução foi e é o de criar condições para que o homem brasileiro possa efetivamente, com responsabilidade, realizar-se em toda sua força criativa. Como estou persuadido de que, assim procedendo, a Revolução o que está fazendo é construir, para o Brasil, o futuro de grande Nação moderna que lhe deve caber.

Para que esse resultado se alcance, temos de estar seguros de que a capacidade criadora de nosso povo não se verá tolhida, de fora ou de dentro, pelos inimigos da verdadeira liberdade e do verdadeiro progresso. A segurança é, hoje, uma condição essencial para o desenvolvimento de qualquer país.

Assim como no econômico e no político, assim no social. Desejamos que o sentimento de participação no crescimento nacional seja de todos e de cada um, do homem do Norte como do homem do Sul, do homem do litoral como do homem do interior, do homem da cidade como do homem do campo, e, sobretudo, que permita, a todos os brasileiros, se sentirem mais perto uns dos outros economicamente e mais coesos, socialmente.

Tais preocupações que orientam meu Governo no plano interno, encontram justa contrapartida na política externa do país.

O crescimento atual do Brasil e suas grandes potencialidades para um futuro que já é próximo dão

a meu país, no mundo inelutavelmente interdependente em que vivemos, uma projeção internacional à qual não pode ele se furtar. O Brasil enfrenta esse novo papel com alto senso de responsabilidade.

Com o mesmo espírito realista com que analisamos os problemas do crescimento interno, procuramos acompanhar o que se passa no cenário internacional, hoje ecumênico, e no qual somos chamados a atuar. Nossa atuação reveste-se, igualmente, da mesma preocupação pragmática que nos inspira o comportamento no plano interno. Guia-se pelo objetivo da promoção da paz e da concórdia entre as Nações, as quais só acreditamos duradouras se fundadas no respeito mútuo e na adesão efetiva aos princípios fundamentais da convivência entre Estados de soberania igual, da auto-determinação e da não-interferência. Tais sentimentos, profundos na alma brasileira, fazem-nos repudiar tudo o que seja desejo de hegemonia entre Estados e de subordinação entre povos. Ao mesmo tempo, povo pacífico que somos, preferimos as soluções de negociação, de compromisso, de conciliação, às vitórias que derivam, afinal, do antagonismo e da luta. E buscamos, por isso, quer em nossas relações bilaterais, quer em nossos engajamentos multilaterais, valorizar a cooperação, em detrimento da confrontação. Sabemos difícil tal empresa, mas nosso compromisso é com o resultado real — desenvolvimento e paz — que almejamos para a humanidade inteira como o queremos para o nosso povo, e não com simples aparência de progresso ou de segurança.

Meus Senhores,

Estas coisas, talvez não fosse necessário estar aqui a dizê-las. A imprensa japonesa sabe bem qual é o programa de meu Governo.

Do Brasil olhamos, também, com interesse o que se passa no Japão. Não obstante a geografia, que dificulta nossa aproximação, nos sentimos ligados e, até em muitas coisas, identificados com este grande país. Talvez pela familiaridade com o modo de ser japonês que a presença de tantos descendentes nipônicos no Brasil acarretou. É que, embora eles sejam cidadãos brasileiros perfeitamente integrados com as causas nacionais, souberam conservar muitas das tradições que enriquecem seu passado cultural. Talvez, pela crescente associação de interesses econômicos, financeiros e comerciais entre japoneses e brasileiros. Como os Senhores sabem, o Brasil é hoje o quarto mercado mundial para os investimentos japoneses e, como parceiro comercial, estamos à frente de um bom número de países industriais da Europa.

O quadro de ordem e de progresso que esbocei e a realidade dos sentimentos espontâneos de simpatia entre nossos povos auspiciam, para as relações nipo-brasileiras, um futuro promissor.

Tal, a convicção que eu queria transmitir aos Senhores, nesta oportunidade. E sou grato por me haverem permitido fazê-lo.

Dentro do espírito de diálogo que caracteriza este encontro, ponho-me à disposição dos Senhores para responder às perguntas que me queiram dirigir.